

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
**Curso de Pós Graduação no Enfrentamento da Violência contra Crianças e
Adolescentes**

MORCHE RICARDO ALMEIDA

DA PALMATÓRIA AO GRITO:
espaço escolar, espaço de violência contra crianças e adolescentes

CURITIBA

2009

PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO

Morche Ricardo Almeida

DA PALMATÓRIA AO GRITO:
espaço escolar, espaço de violência contra crianças e adolescentes

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
aprovação no curso de Pós Graduação
em Enfrentamento da Violência contra
Criança e Adolescente.

Orientador: **Prof^a. Especialista Maria
Leolina Couto Cunha**

CURITIBA
2009

DA PALMATÓRIA AO GRITO:
espaço escolar, espaço de violência contra crianças e adolescentes

Morche Ricardo Almeida¹

RESUMO

A escola se apresenta como espaço enigmático. Somos capazes de decifrar este enigma? As crianças e adolescentes muitas vezes são vítimas desta escola, entretanto, os pais com filhos em idade escolar não fazem esta leitura; o senso comum, pois, acredita ser a escola ambiente de aprendizagem cujos conflitos e as violências não estão presentes. Quais as lembranças que as crianças e adolescentes podem registrar em sua memória de seus anos de escola? Algumas das crianças e adolescentes que se negam a ir para escola, ou a abandona é na possibilidade de livrar-se da “ilha de doutor Moreau”, outras convivem com a violência que a escola esconde entre seus muros. Durante muito tempo a escola utilizou-se de instrumentos de tortura na possibilidade de disciplinar as crianças e adolescentes, dentre estes instrumentos, destaque especial para a palmatória. A palmatória encerrou seus dias na escola, no entanto, não se encerrou com ela a violência contra a criança e o adolescente. Formas de violência se perpetuaram, como os castigos e os gritos dos professores e professoras, alegando ser esta a forma de garantir a disciplina e o respeito. Não são poucas as informações sobre atitudes de desrespeito dos professores e professoras em relação aos direitos das crianças e adolescentes, mesmo sendo conhecedores do Estatuto da Criança e do Adolescente, estatuto que orienta a sociedade a forma de garantir o bem estar da criança e adolescente. Não só professores e professoras desrespeitam o direito das crianças e adolescentes, este desrespeito ocorre também entre os pares.

Palavras-chave: Escola. Violência. Criança. Adolescente. Palmatória.

¹ Graduado em História, na FURB, Blumenau SC, com especialização em Pedagogia Gestora com ênfase em Administração, Supervisão e Orientação, na FACEL. Palestrante na área de formação de professores. Coordenador de Diversidade Étnico-Racial, Educação Fiscal e História da Secretaria Municipal de Educação de Blumenau, SC. Tutor do curso Diversidade e Cidadania da UAB/UFSC, cursando especialização em Educação Diversidade e Cultura Indígena – EST, RS. Graduando-se em Geografia pela UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR e Ciências da Religião pela FURB, Blumenau, SC. Cursou disciplina de mestrado em História, como aluno especial (2 semestre 2008), a disciplina "História, Memória e Patrimônio Cultural" UDESC. Com artigos científicos publicados em periódicos e anais de congressos é autor de livros sobre folclore catarinense e temáticas africanas.

A escola como espaço enigmático

Tem sido a escola lugar ideal onde as famílias, aparentando nenhuma preocupação, deixam seus filhos e filhas durante boa parte do dia. Com a certeza de que professores e professoras os quais, no espaço ao exercício da pedagogia, desenvolvem suas atividades profissionais e, portanto, estão aptos a garantirem e atenderem a todos e todas dentro de suas especificidades. Sem que para tanto haja critério de escolha em relação aos mais variados comportamentos humanos. A escola se apresenta como espaço enigmático, entretanto, os pais com filhos em idade escolar não fazem esta leitura; o senso comum, pois, acredita ser a escola ambiente de aprendizagem cujos conflitos e as violências não estão presentes.

Toda nossa prática vai no sentido de transformar a criança no adulto e, pior, no adulto que já somos, que idealizamos e que desejamos; ajustando-a aos nossos planos e anseios, sob nossa ótica e aspirações, segundo nossos próprios objetivos [...] toda criança, o que significa todo novo indivíduo (e toda uma nova geração de indivíduos), traz em potencial uma rica gama de possibilidades renovadoras, ainda que a sociedade opere predominantemente com padrões de repetição. Ou seja, a novidade sempre aparece. É por essas e por outras que não permanecemos nas cavernas. (DAMAZIO, 1991, p. 24-6).

Dá-se a aprendizagem na relação com o outro. Ao analisarmos a escola como espaço de aprendizagem, lugar de trocas de conhecimentos que possibilitarão o desenvolvimento integral do ser humano trocas que devem complementar os conhecimentos adquiridos na família e nas relações com outros grupos sociais, percebemos que a escola deve ser um lugar seguro.

Quando imaginamos este lugar seguro e temos que defini-lo em termos de segurança para o desenvolvimento das crianças e adolescentes, surge-nos a imagem de profissionais que são responsáveis por este espaço. Um grupo de agentes que durante anos acumulou conhecimentos científicos, no diálogo com os grandes teóricos da educação. Teóricos que em suas pesquisas desenvolveram as mais diversas propostas de como tratar o outro para garantir-lhe um desenvolvimento saudável, físico e mental.

Sendo a escola espaço construído a partir de relações humanas e entendendo que estas relações se dão também através de conflitos, é necessário

que os docentes, gestores e funcionários estejam preparados para combater e evitar a violência contra crianças e adolescentes.

Pensar na formação de profissionais com competência para atender as especificidades das crianças e adolescentes no espaço escolar é um trabalho que exige muita pesquisa e reflexão.

Quem rege a escola, é fruto de uma outra escola e sabemos que o desrespeito aos direitos básicos das crianças e adolescentes sempre estiveram de alguma forma presentes nas instituições de ensino, portanto romper com os traumas e com a formação construída neste espaço não é tarefa fácil. Os anos passam, as cadeiras mudam; no entanto, a ação de violência explícita ou implícita continuam sendo mantidas. É a sala dos professores e professoras a masmorra onde se constroem os mais ardilosos planos para vingança contra as ações e comportamentos das crianças e adolescentes, com expressões como “os alunos de minha sala estão ferrados”, e outros “ele vai ver”, “final do ano, eles me pagam” e, ainda, “vou fazer uma prova pra ferrar mesmo. Vai reprovar. Tem que aprender a ser gente”.

Dificuldades para adaptação

Muitas crianças não são matriculadas na educação infantil ou por ser uma opção da família ou não haver vaga nas creches. Por este motivo, seu primeiro contato com a educação se dá ao chegar à escola. Neste momento, dá-se a manifestação da criança em não querer, em ter medo, em não saber se a mãe voltará.

Alguém tem que ter serenidade para compreender que a criança necessita de um tempo que garanta sua adaptação ao novo espaço. No entanto, em alguns casos, as professoras ou professores solicitam que os pais não se deixem perceber pela criança e fecham a porta da sala. Na possibilidade de controlar a criança em seu desespero de ser abandonada pela mãe, pai ou responsável que a conduziu até a escola.

Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento de infância não existia – o que não quer dizer que as crianças não fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes. (ARIËS, 1981, p. 156).

Já estamos longe da Idade Média, os conceitos mudaram, logo percebemos hoje que a atitude de deixar a criança na escola ao sentir-se entregue a uma pessoa estranha surge o sentimento do rompimento da segurança, o abandono, “o não te quero e você não tem importância para mim”. Estas são as mensagens que provavelmente são interpretadas por estas crianças que tem como única solução, ou solução imediata, chorar, espernear e tentar fugir, para reagir a esta forma agressiva de ser recepcionado pela escola.

Qual a lembrança agradável que esta criança terá do primeiro dia de aula, que deveria ser um dia festivo, de alegria, de expectativa, de novas amizades, de curiosidade e aprender o que sempre ouviu? É o sentimento de frustração que será o mais forte de todos os sentimentos desenvolvidos em relação a escola. Como ficará marcado os seus primeiros momentos no espaço escolar? A criança vai se sentir abandonada, deixada em um lugar estranho, sobretudo quando as professoras solicitarem que os pais não se deixem perceber pela criança e fecham a porta da sala. O coração vai disparar, estômago contrair, mão suar, seu porto seguro se distancia e a porta fecha, para que uma pessoa estranha diga-lhe o que fazer e como se comportar diante do novo que lhe incomoda.

Não são raras às vezes em que professoras, professores despreparadas para enfrentarem tais situações, quando não dão conta do desespero da criança, a conduz pelos corredores da escola até a sala de direção ou coordenação, como se conduzisse uma ovelha ao matadouro ou um asno empacado. E as outras crianças que já tiveram experiência com o rompimento com a família, por não ser novidade este rompimento de relações familiares, também são violentadas uma vez que elas percebem as ações e reações da professora e do seu/sua novo/a colega de sala.

Esta é uma das manifestações de violência à criança que resiste, legitimamente, em não querer ficar no ambiente desconhecido e novo para o qual não foi preparada psicologicamente.

Convivendo com os castigos

As crianças e adolescentes são criativas, cheias de vontades, estão aprendendo a conviver com o outro, estão desenvolvendo sua intelectualidade. A escola é o espaço que deve auxiliar neste desenvolvimento, não negamos que isto ocorra; porém, para algumas crianças e adolescentes ocorre às duras penas.

Conhecedores da organização escolar que somos, não se faz necessário mergulhemos profundamente na memória para que tenhamos clara a organização do espaço escolar. Cercado por muros por todos os lados é a escola uma ilha no meio da comunidade, a ilha do saber, a ilha do doutor Moreau. As salas estão dispostas, em sua grande maioria, voltadas ao interior, onde é centralizada por um pátio que permite a visão controladora dos gestores sobre a criança e adolescente.

A sala de aula, um retângulo perfeito, um quarto, uma cela. Espaço de torturas, de aprendizagem, de vivências, de agressões, de prazeres. Apenas uma porta para o acesso, porta normalmente fechada para que os que estão fora não percebam o que ocorre em seu interior, não descarto as janelas cobertas por cortinas. “A disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. Para isso, utiliza diversas técnicas”. (FOUCAULT, 1987, p. 121). Como pode ser este o espaço dedicado à aprendizagem? Aprendizagem do conhecimento científico desenvolvido século após século. É sim este um espaço de aprendizagem de defesa das crianças e adolescentes em relação aos que os transformam em vítimas da educação. Aprendizagem de tortura contra crianças e adolescentes.

Não foi a sociedade moderna que criou os castigos morais e físicos contra criança e adolescente para que através deles se garanta a perpetuação da aprendizagem e do poder. São relações tensas que se desenvolveram durante

séculos e hoje encontra espaço na sala de aula. Relações onde a vontade do professor da professora está acima do bem e do mal.

As crianças e adolescentes devem se sentar durante no mínimo quatro horas e manter-se em silêncio, enquanto ouvem ininterruptamente os cansativos conceitos desenvolvidos com a proposta de educação.

Os castigos surgidos a partir do não respeito às regras desenvolvidas na escola foram muitos e, neste artigo que tem como título “da palmatória ao grito: espaço escolar, espaço de violência contra crianças e adolescentes”, destacamos como um dos mais cruéis a palmatória. Mesmo que sejamos sabedores de tantas outras violências físicas contra a criança e adolescente, como: puxões de cabelo, puxões de orelha, beliscões, tapa na cabeça, lavagem da língua com sabão, ajoelhar-se sobre grãos de milho e muitos mais.

Na internet, nos sites de relacionamento como o Orkut, encontramos diversas comunidades que falam sobre violência praticada por professores e professoras contra seus/as alunos/as. Em uma destas comunidades encontramos depoimentos de ex-alunos que expressão suas lembranças em relação a uma professora e sua agressividade. O que mais chama atenção na leitura dos depoimentos é que a professora teve a mesma atitude durante anos. “Cara ela era um terror. Primeiro foi com minha mãe... e depois de anos comigo... a mulher era encarnada mesmo...” Como que pais que vivenciaram este tipo de agressividade, permitiram que seus filhos/as passassem pela mesma situação? As formas de tortura contra as crianças eram variadas. Um outro participante da comunidade diz: “Eu também estudei com ela. Nossa, tinha muito medo de apanhar. Vi muitos amigos levando puxão de cabelo e levando reguada na mão”. As formas de violência em relação à criança se perpetuam. A palmatória sai de cena e é substituída pela régua. O questionável no depoimento deste ex-aluno é quando ele conclui seu depoimento “Na época era de dar medo, mas hoje li todos os comentários e ri muito. Como é bom lembrar dessa época”. Será que aprendemos a ver com naturalidade os castigos que a escola, através dos mestres, foi perpetuando?

A violência psicológica também está presente neste espaço dedicado e construído para o desenvolvimento da intelectualidade do ser humano. Não são raras às vezes, ao passarmos por uma escola, ouvirmos gritos, gritos que não conseguimos explicar nem entender, contra as crianças e adolescentes. Palavras que machucam, como “você não tem capacidade?” “Vai aprender quando, a ler direito?” “Viu! Seu/Sua coleguinha tirou nota máxima, você não é capaz de tirar a mesma nota?” “Eu não te aguento mais em sala de aula”.

As avaliações são outra forma de violência contra crianças e adolescentes quando são feitas sem critérios. “Tirem uma folha, estavam fazendo bagunça, agora vocês vão me pagar!” “Vocês tem vinte e cinco minutos para fazer a prova e quando faltarem cinco minutos alertarei sobre o tempo que falta”. São comentários como estes, que possibilitarão as crianças e adolescentes não reconhecer a escola como um lugar prazeroso.

Palmatória um instrumento institucionalizado

Quem nunca ouviu falar sobre a palmatória: o terror de muitas gerações. Durante décadas, na história da educação no Brasil, reportamo-nos apenas ao Brasil para não estendermos demais este artigo.

Segundo texto na wikipédia “No Brasil, antigamente era costume nas festas de formatura os alunos presentear os seus professores com palmatórias como sinal de submissão à Autoridade”. Sendo a palmatória um instrumento de castigo e este instrumento fazer parte do material didático, não temos dúvidas a respeito do poder violento que as escolas exerceram sobre a criança e adolescente. Quando dizemos exerceram, estamos buscando o momento histórico em que a palmatória tinha seu lugar de destaque na sala de aula. Nos dias atuais a violência não foi para os museus como a palmatória, seu símbolo maior. Nos dias atuais, encontramos ainda na escola espaço para violência contra crianças e adolescentes, violência de todas as formas.

Para Foucault “o que precisa moderar e calcular, são os efeitos de retorno do castigo sobre a instância que pune e o poder que ela pretende exercer” (1987, p. 77). Qual será o poder que se pretende exercer ao aplicar castigos sobre a

criança e adolescente? Não é a criança e o adolescente um monstro, um assassino ou alguém que mereça ser castigado com palmatória por ter deixado de decorar um texto ou ainda ter deixado alguma tarefa incompleta. A palmatória serviu de instrumento para que professores e professoras pudessem agredir na possibilidade de corrigir erros que sua competência não podia corrigir de outra forma.

O que dificultou durante muito tempo a suspensão destes castigos a partir da palmatória foi que os pais aceitavam de forma pacífica que os filhos se submetessem a estes castigos educacionais, por acreditarem que esta era a forma mais correta de educar. Não nos reportaremos neste artigo a violência doméstica que sempre veio logo a seguir a violência escolar como conclusão daquela que o professor ou a professora iniciara.

Quais os sentimentos de uma criança ou adolescente diante de sua turma, de mão em riste a espera dos bolos que receberia do professor ou professora? Que violência psicológica foi desenvolvida nestas crianças e adolescentes?

A institucionalização da palmatória foi a garantia para que o professor ou a professora tivesse em suas mãos o domínio de sala, o domínio sobre a vontade da criança e do adolescente. O Estado garantiu durante muitos anos que a violência contra crianças e adolescentes ocorresse sem que os mesmos pudessem se defender. Um povo medroso, temeroso do poder, se deixa manipular com mais facilidade. Seria esta a forma de preparar cidadãos que baixariam os olhos diante do poder institucionalizado por medo da palmatória?

Rompendo com a tortura

Seremos capazes de conviver com uma escola onde a agressividade contra a criança e adolescente ocorra? Para alguns este pensamento ainda está presente, pois acreditam que o adulto só poderá conviver em harmonia na sociedade, em sua fase, quando receber castigos durante a fase de criança e adolescente.

Na possibilidade de romper com estes conceitos surgem leis que tem como finalidade proteger a criança e o adolescente de atos de violência. Temos o

Estatuto da Criança e do Adolescente como instrumento de garantia no rompimento à violência e tortura. Sabemos que durante toda sua existência o Estatuto da Criança e do Adolescente é criticado, principalmente por professores, professoras e gestores que alegam ser os artigos do estatuto apenas para defender a criança e o adolescente ensinando-lhes o que é direito e em nenhum momento lhes traz responsabilidades ou lhes ensina quais os seus deveres.

[...] de novo a face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o Eu profissional do Eu pessoal [...] (NÓVOA, 1995, p. 17).

Quantos professores ou professoras já debulharam o Estatuto da Criança e do Adolescente? Quantos já debateram com seus alunos os seus direitos e deveres? Não é tão fácil convencer aos educadores e educadoras sobre a importância da boa convivência com a criança e adolescente que está sob sua tutela, pois acreditam, muitos/as deles/as, ser sua função apenas “educar” e este “educar” se faz necessário que exista respeito e este respeito se dará diante de ameaças e gritos já que na atualidade não é permitido a utilização de violência física através da palmatória ou outros instrumentos. Mesmo sendo a prática de um crime, ainda hoje encontramos crianças sendo beliscadas, puxadas pelos cabelos, ajoelhadas sobre o milho ou pedrinhas, com cadeira na cabeça, cheirando o quadro, na possibilidade de respeitar o professor e professoras, e conseqüentemente as normas da escola.

O Estatuto da Criança e do Adolescente é claro quando lemos em seu artigo 1º “Esta lei dispõe sobre a proteção integral à criança e adolescente”. Nada mais se faz necessário escrever ou dizer em relação às ações de violência contra criança e adolescente, pois a proteção garantida pelo estatuto a criança e adolescente é integral. Qual a dificuldade dos professores e gestores compreenderem este artigo e os demais que compõe o estatuto?

Agressão professor/a aluno/a

Muitos relatos sobre agressão contra crianças e adolescentes estão na boca de professores e professoras por este imenso país chamado Brasil. Mais uma vez destacamos o Brasil, e apenas ao Brasil, embora sabendo de que quando o assunto é violência contra crianças e adolescentes não se reconhece fronteiras.

São milhares de notícias em jornais, revistas, blogs. Notícias que relatam a agressividade de professores contra alunos sem justificativas plausíveis. O blog do Carlos, “Notícias Diárias” traz: “Professora joga apagador em aluno numa escola de Manaus, segundo a escola, a docente agrediu o aluno de, 10 anos, porque ele não fez silêncio”. A criança de 10 anos não fez silêncio e recebeu como proposta de atender a vontade da professora um apagador contra si.

As agressões contra alunos não são apenas físicas. Alunos que são colocados de castigo sentados diante dos outros por não ter se “comportado” devidamente ou não ter feito a tarefa, são os casos mais corriqueiros na escola. Alunos que são deixados sem intervalo, sem lanche ou não terem autorização para passeios e até mesmo saírem no final do turno junto com os demais colegas porque a professora ou professor assim decidiu. Estas são algumas das maneiras de agir com violência contra a criança e o adolescente desrespeitando o Estatuto da Criança e do Adolescente dentre outras leis.

O JB on-line relata o fato de um aluno da 6ª série ter sido agredido por seu professor de Educação Física. “O menino cuja identidade não foi revelada pela direção da escola, ficou com escoriações nas costas ao ser agredido pelo professor”. Sendo o professor ou professora profissional preparado para enfrentar os conflitos ocorridos na escola, pois em sua formação estuda, normalmente, psicologia e também é conhecedor ou conhecedora das leis vigentes no país, o que explica tais atitudes?

[...] Organizar e dirigir situações de aprendizagem; administrar a progressão de aprendizagem; conceber e fazer evoluir dispositivos de diferenciação; envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho; trabalhar em equipe; participar da administração da escola; informar e envolver os pais; utilizar tecnologias novas; enfrentar os

deveres e os dilemas éticos da profissão [...] (PERRENOUD, 2000, p. 155).

Assim. Conforme o que escreve Perrenoud, se imagina que deve ser a escola e a relação dos profissionais com as crianças e adolescentes que estão entregues sob sua responsabilidade em determinado período de suas vidas. Na construção do seu futuro como indivíduo que desenvolve e desenvolverá relações sociais.

Agressão aluno/a aluno/a

Quem nunca ouviu sobre uma briga entre alunos de determinada unidade escolar? Quem não viu ou ainda não participou como protagonista de tal evento? São diversos os relatos que tem como protagonistas alunos em luta corporal contra aluno. Os motivos das agressões vão desde um simples olhar atravessado até a disputa por poder. O que encontramos com mais naturalidade entre as agressões são meninas por questões relacionadas a paqueras, ou como elas mesmas afirmam por “não gostar da cara da outra”, confrontando outras meninas. Não queremos dizer com isto que os meninos também não se agridam, no entanto os motivos entre os meninos não são os mesmos.

O Jornal a Notícia em sua edição número 359 de 31 de março de 2009, tem matéria sobre agressividade entre colegas. A matéria relata: “Na quarta-feira passada, um jovem de 16 anos teria agredido o colega de 14 anos na sala de aula”. O motivo da agressão aparentemente fora um motivo sem grande importância, mas que terminou causando uma situação de violência entre adolescente. “O estudante mais velho estaria brincando com uma caneta na mesa e a professora chamou a atenção dele”. A professora ao chamar atenção do aluno foi o estopim para que a confusão tivesse início, pois o mesmo não aceitando ser chamado atenção terminou por acusar o outro. “Ele teria dito que não era ele, mas o colega quem estava perturbando a aula. A acusação teria provocado uma discussão e agressão”.

Quando percebemos atos tão sérios por motivos tão banais, buscamos compreender qual a verdadeira posição da escola diante da violência. Esta

matéria e tantas outras estão estampadas nos noticiários, nas manchetes de jornais, tem sido material de pesquisas e debates. Mas a escola? O que tem feito a escola na tentativa de conter este tipo de violência?

O preconceito no ambiente escolar

Ao tratar-se de crianças e adolescentes, seres em desenvolvimento, nada mais natural que o que ouvem sirva como base para suas relações com os demais. Não é surpresa ouvir das crianças e adolescentes a perpetuação de preconceitos que fazem parte da história dos seus pais e amigos e até mesmo do ambiente escolar.

A despreocupação com a questão da convivência multiétnica quer na família quer na escola, pode colaborar para a formação de indivíduos preconceituosos e discriminadores. A ausência de questionamento pode levar inúmeras crianças e adolescentes a cristalizarem aprendizagens baseadas muitas vezes, no comportamento acrítico dos adultos a sua volta. (CAVALLEIRO, 2005, p.20).

Quando o preconceito atravessa os portões das escolas temos mais um problema de violência contra crianças e adolescentes. O artigo 17 do Estatuto da Criança e Adolescente diz “O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais”.

Em Blumenau, Santa Catarina é fato que em algumas escolas, o desrespeito à criança e adolescente vindas do Estado do Paraná é explícito. O preconceito contra estas crianças e adolescentes as colocam em uma situação de violência intelectual, em situação vexatória. Ouvem-se professores e professoras dizerem que por serem do Estado do Paraná estes não são capazes de acompanhar os conteúdos ministrados. Alguns chegam a denominar os alunos como aluno VIP – vindo do interior do Paraná – é o preconceito. Apenas um exemplo, dentro da escola. Este preconceito se estende não só a Blumenau, mas a todo país, para crianças e adolescentes que estão acima do peso, crianças e

adolescentes negros, crianças e adolescentes com tendência ao homossexualismo, crianças e adolescentes que professam religiões diversas, dentre outras situações.

A discriminação como instrumento de dominação

Deve-se compreender que há a presença de uma cultura de preconceitos no interior da escola é responsável também pela discriminação entre os alunos. Esta discriminação surge como instrumento de dominação do professor sobre a criança e adolescente ou mesmo da criança e adolescente em relação a outras crianças e adolescentes. Neste sentido fica explícito que a violência contra criança e adolescente está presente nesta relação.

O artigo 15 do Estatuto da Criança e do Adolescente nos esclarece que “A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis”.

O respeito que é citado no artigo 15 deixa de ser colocado em prática quando crianças e adolescentes na escola sofrem discriminação por parte de seus pares ou em alguns casos dos seus professores ou professoras. Esta discriminação poderá vir a se transformar em bullying. Bullying, conforme definição da wikipédia é “toda forma de atitudes agressiva, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação aparente”.

A escola na figura dos seus gestores e funcionários é capaz de solucionar este estado de coisas se oportunizar outras relações entre os atores envolvidos dentro do espaço escolar.

Bullying

Bullying, uma violência sem precedentes praticada geralmente nas escolas. A negação do outro, o desrespeito, apelidos constrangedores, xingamentos, comparações negativas são algumas das ações praticadas. Para Olweus, 1983 “[...] o comportamento agressivo entre estudantes é um problema universal,

tradicionalmente admitido como natural e frequentemente ignorado ou não valorizado pelos adultos”. A escola nega-se a perceber estas ações contra determinados/as alunos/as.

Os comportamentos incluídos no bullying são variados: palavras ofensivas, humilhação, difusão de boatos, fofoca, exposição ao ridículo, transformação em bode expiatório e acusações, isolamento, socos, agressões, chutes, ameaças, insultos, ostracismo, sexualização, ofensas raciais, étnicas ou de gênero. (MIDDELTON-MOZ, 2007, p. 21).

Os que atormentam não se contentam com pouco, levam suas atitudes além do espaço escolar. As humilhações que se repetem sem cessar vão provocando reações no organismo da vítima que para quem não percebeu o que esta ocorrendo, não encontra uma explicação científica para as tonturas, enxaquecas, falta de apetite e muitas outras reações orgânicas.

Medo, este é o sentimento que surge após sessões diárias de incômodos, palavras, desrespeito. O medo impede que a vítima se relacione com outras pessoas. Vem a fuga da realidade. Querer dormir, ficar em ambientes escuros, acreditar que tudo que disseram é verdade. Querer dar fim à própria vida.

A brincadeira é uma atividade ou ação própria da criança, voluntária, espontânea, delimitada no tempo e no espaço, prazerosa, constituída por reforçadores positivos intrínsecos, com um fim em si mesma e tendo uma relação íntima com a criança. É importante ressaltar que o brincar faz parte da infância, porém, em várias ocasiões, os adultos (pais ou professores) propõem determinadas atividades para as crianças que parecem não cumprir os critérios acima discutidos, mas que são chamados de brincadeiras pelos próprios adultos. Se a atividade é imposta ou se parece desagradável para a criança, tudo indica que não se trata de uma brincadeira, mas de qualquer outra atividade. (ROBLES, 2007, p.10)

Muitos adultos, diante das ações de bullying procuram convencer a vítima que tudo não passa de brincadeira. Não, não é brincadeira. É agressão. Brincadeira é brincadeira, quando todos se sentem bem, se um sentiu-se incomodado já não é mais brincadeira. Brincadeira não mata, não machuca, não traumatiza.

A escola é espaço para construção de identidades e ninguém quer construir sua identidade a partir de humilhações e desrespeito. As marcas ficam, muitas nunca cicatrizam.

Os gestores e familiares, como estratégia, devem estar sempre alertas para o enfrentamento das questões relacionadas ao bullying, procurando verificar as causas, identificar modos de prevenção, interferir quando ocorrerem situações vexatórias entre as crianças e adolescentes.

Em busca de soluções

Há de se pensar em termos de educação neste país que não é esta a proposta que as leis apresentam. Não são estes os ensinamentos que foram sendo desenvolvidos nas instituições de ensino superior ou nas relações éticas entre os seres humanos. Não foram estas as lutas de pessoas que se organizaram com a intenção de combater a violência contra a criança e adolescente no Brasil e no mundo.

Quando falamos em aprendizagem não nos dirigimos somente a inteligência, mas a articulação entre o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo, numa relação com o outro, que constitui o terreno onde o ensino aprendizagem acontecem (FERNANDES, 1991, p. 5)

Como podemos ainda hoje, já passada quase uma década do terceiro milênio, conceber, que professores e professoras tenham atitudes de violência em relação às atitudes das crianças e adolescentes? Não estamos ainda encontrando soluções para este tipo de atitudes.

Será que as leis que estão vigorando ainda não foram capazes de dar conta das suas intencionalidades? O professor, a professora deve desenvolver o senso crítico e se conscientizar de qual sua função em sala de aula. Sua função não é agredir física ou moralmente a criança e adolescente e sim transmitir, debater, pesquisar, possibilitar que os mesmo adquiram o conhecimento que foram buscar na escola.

Quando surgirem os conflitos, pois não devemos tapar o Sol com a peneira e imaginarmos que os conflitos não existem, devem os professores e professoras buscar soluções que possibilitem a tranqüilidade e não oportunizar o desrespeito

ao seu semelhante, a criança e também ao adolescente, que tem na escola o seu ponto de garantia de um futuro com dignidade.

Conhecer o Estatuto da Criança e do Adolescente. Acatar suas leis, preparar uma aula com criatividade e conteúdos concretos que irá possibilitar as crianças e adolescentes sob sua guarda provisória o respeito por seu trabalho, é o dever destes mestres que se dedicaram à ação de ensinar e não de agredir e não de violentar através de agressões físicas ou morais.

Nada justifica um adulto digladiar com uma criança ou adolescente no exercício de sua função. O artigo 18 do Estatuto da Criança e do Adolescente em sua redação diz que “É direito de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.

A escola deve na pessoa dos seus gestores ou mestres respeitar e defender a criança e o adolescente com fulcro no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Considerações finais

Quantos anos são necessários para que um ser humano seja reconhecido como pronto para enfrentar o mundo do trabalho? Acredita-se que no mínimo duas décadas. Somos nós, os adultos, os responsáveis por garantir as gerações que estão chegando um mundo de paz, de convivência pacífica. São milhares de anos construindo conhecimento, desenvolvendo teorias sobre as relações humanas, não podemos viver eternamente a base de teorias quando somos capazes de praticarmos ações que nos possibilitarão uma vida de dignidade. Mas dignidade não se alcança agredindo as crianças e adolescentes e para que o nosso conflito social seja maior esta agressão acontece ainda hoje dentro da escola.

É a escola espaço para violência? Não importa que tipo de violência. Sabemos que não. A escola não deve ser o espaço de perpetuação da violência e muito menos o professor ser o violentador da criança e do adolescente. Respeitar para termos cidadãos que saberão respeitar em um futuro próximo. Tem sido a escola capaz de desenvolver tantas campanhas no combate aos malefícios a

humanidade, apenas para citar um exemplo, cito o respeito ao meio ambiente. Então qual a dificuldade encontrada para que seja possível o respeito à criança e adolescente?

No mundo do trabalho, forma de garantir a sobrevivência, a criança e adolescente, ao chegar seu momento de enfrentar esta realidade, deverá estar apta a convivência com seus pares, pois desta forma existirá possibilidade de desenvolvimento, e, é este desenvolvimento que nos permitira ter uma vida digna.

REFERÊNCIAS:

ARIÉS, Philippe. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. CAVALLEIRO, Eliane. (Org.) **Racismo e Anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo. Selo Negro, 2001

DAMÁZIO, Reinaldo Luiz. **O que é criança**. Brasiliense, 1991.

FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis, Vozes, 1987.

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying-Estratégias de Sobrevivência para Crianças e Adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school- What we know and what we can do?** Oxford: Blackwell, 1995.

NÓVOA, Antonio. (Org.) **Vidas de professor**. Porto: Porto, 1995.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ROBLES, H. S. M. A brincadeira na educação infantil: conceito, Perspectiva histórica e possibilidades que ela oferece. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=943>. Acesso em: 04 set. 2009.

SITES:

<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cidade/2003/03/18/jorcid20030318003.html>

<http://blogdocarlosrob.blogspot.com/2007/08/professor-agride-aluno.html>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Palmat%C3%B3ria>

<https://www.google.com/accounts/ServiceLogin?service=orkut&hl=pt->

<BR&rm=false&continue=http%3A%2F%2Fwww.orkut.com%2FRedirLogin%3Fmsg>

%3D0%26page%3Dhttp%253A%252F%252Fwww.orkut.com.br%252FHome&cd=">%3D0%26page%3Dhttp%253A%252F%252Fwww.orkut.com.br%252FHome&cd=

<BR&passive=true&skipvpage=true&sendvemail=false>